

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
LETICIA BIANCHINI BARCELOS**

**EFEITOS PSICOLÓGICOS DA PRESSÃO ESTÉTICA NO BRASIL REVISÃO
NARRATIVA**

UBERABA – MG

2022

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
LETICIA BIANCHINI BARCELOS**

**EFEITOS PSICOLÓGICOS DA PRESSÃO ESTÉTICA NO BRASIL
REVISÃO NARRATIVA**

Trabalho apresentado a Universidade de Uberaba
Como requisito parcial ao projeto de conclusão de curso TCC
Orientador (a): Professora Camila Aparecida

Uberaba- MG

2022

AGRADECIMENTO

Gostaria de começar falando para todas as mulheres que lerem meu trabalho de conclusão de curso o quanto vocês são perfeitas mesmo que a sociedade lhe diga ao

contrário. Meu agradecimento vai a todas as figuras femininas que já sofreram com a pressão estética, para aquelas que assim como eu acreditaram que seu corpo não merecia ser amado ou olhado com cuidado. A minha orientadora, colegas de curso, amigos e família, meus mais sinceros agradecimentos, cada um de vocês foi especial nessa caminhada e construção.

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre os efeitos causados pela busca do padrão estético na sociedade. Tem por objetivo analisar os efeitos psicológicos que a pressão estética causa na mulher brasileira, a partir da revisão narrativa da literatura científica. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura científica, as bases de dados consultadas foram: SciELO, PePSIC, livros e blogs. Os padrões de beleza são definidos como um conjunto de normas estéticas que desejam impor como deve ou não ser o corpo e a aparência das pessoas. Os padrões mudaram ao longo da história, e no Brasil de 2022 a mídia tem sido responsável por essa busca crescer. Em 2019, de acordo com a Sociedade Brasileira de cirurgias plásticas (SBCP) o Brasil se tornou o país que mais faz cirurgias plásticas e procedimentos estéticos no mundo, entre 2016 e 2018, dados da própria SBCP mostram que houve um aumento de 25% nas intervenções estéticas, essa construção vem desde o início da sociedade, limitando, impondo e oprimindo a vida delas. Desta forma bulimia, anorexia, distorção de imagem, depressão, ansiedade e alteração de humor são algumas das consequências, essa busca ultrapassa os limites da realidade de cada corpo desrespeitando biótipos, genéticas e alimentando inseguranças e baixa autoestima.

Palavras-chave: Estética. padrão de beleza, efeitos psicológicos, corpo, imagem corporal, beleza.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
---------------------	---

2. RESULTADO E DISCUSSÃO	8
3. CAPITULO 1: A CAÇA AS BRUXAS	8
4. CAPITULO 2: MÍDIA E OS PADRÕES DE BELEZA	12
5. CAPITULO 3:	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
7. REFERÊNCIAS	19

INTRODUÇÃO

A estigmatização acerca do corpo da mulher é algo que vem sendo construído desde muito cedo e está associados a construção do imaginário ao longo da história da humanidade. Historicamente a mulher é vista como submissa e exclusiva somente para o processo de procriação da espécie, Eva, aquela que dentro do imaginário cristão é a portadora de um comportamento inadequado que cede as tentações sendo desta forma castigada, gerando uma sucessão de “punições” associados ao sexo feminino. Estes papéis veem sendo estabelecido através de diferentes fases do desenvolvimento humano, tendo em visto isto, a visão sobre o corpo da mulher sempre esteve vinculada a um ideal de beleza, perfeição, imortalidade e sensualidade (NOVAES; VILHENA, 2003).

O padrão do corpo feminino se modifica de tempos em tempos, a Grécia antiga cria como culto a exibição de seus corpos em jogos olímpicos, sendo um dos percursos da criação do rito de beleza, tendo o corpo como o pilar da existência dando início a um processo de busca pela perfeição. Tendo em vista isto a representação feminina se torna um impulso durante a idade moderna através da obra “O nascimento da Vênus” foi feita por Sandro Botticelli entre os anos 1482 a 1485 em Florença na Itália, esta obra nos remete a um corpo milimetricamente perfeito, em todas as suas medidas, salientando o movimento que desde muito cedo padroniza corpos femininos.

A partir do século XX a indústria cinematográfica e da moda criam uma nova percepção de padrão disseminando a ideia de que o ideal e saudável é o corpo magro. As mídias se tornam cada vez mais influentes impulsionando ideais relacionadas a imagem corporal, através de anúncios, músicas e até mesmo novelas, onde um culto a beleza é subentendido e construído através de corpos padronizados dando ênfase a sedução sendo assim “vendidos” para as mulheres. Posteriormente corpo feminino no século XXI é supervalorizado, marcado pelo erotismo, pela sexualidade e beleza, devendo ocupar o lugar de objeto de desejo sexual masculino.

Segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) de acordo com um levantamento feito em 2018 foram feitas cerca de 1 milhão 498 mil cirurgias plásticas estéticas no Brasil, e 969 mil procedimentos estéticos não cirúrgicos neste mesmo ano. O Brasil ultrapassou os Estados Unidos e se tornou o país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo. O país respondeu por 13,1% do total de procedimentos, seguido dos EUA, com 11,9%.

Refletir e questionar sobre o impacto da pressão estética é o primeiro passo para desconstruir padrões que foram impostos sobre as mulheres durante várias décadas, sendo assim o feminismo se faz como uma ferramenta que desperta visões onde é feito o questionamento sobre o papel do corpo feminino na sociedade. Segundo Wolf (1992), essa indústria necessita que as mulheres se sintam mal com sua aparência, pois assim é desencadeado o ódio nelas sobre elas mesmas. Sendo assim ao odiarem seu rosto e seu corpo, consumirão cada vez mais produtos milagrosos, que trará a solução para seu mal-estar. A ideia desta indústria é que cada vez mais a mulher se torne refém dela se submetendo a realização de procedimentos estéticos, em alguns casos dolorosos, gastando tempo e dinheiro, em vez de se amarem como realmente são por natureza.

Quando a preocupação passa a ser excessiva, e a obsessão pela estética se soma as lógicas de consumo, que muitas vezes são disseminadas pelas redes sociais, mídias e revistas, resultara em uma tendencia de adoecimentos psíquicos sob os mais diversos aspectos, onde todos de alguma forma estarão ligados ao desejo de atingir um padrão corporal. (MATTANA, 2013). Sendo assim, é necessário que haja uma importância acerca do debate sobre esta temática, evidenciando que através da

desconstrução desse padrão um movimento de empoderamento feminino tomara força dando a libertação destas amarras impostas pela sociedade. Diante disso, o objetivo do presente estudo é analisar os efeitos psicológicos que a pressão estética causa na mulher brasileira, a partir da revisão narrativa da literatura científica.

METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um estudo da revisão narrativa da literatura científica que tem como pergunta norteadora, “Quais são os efeitos psicológicos causados pela pressão estética no Brasil?”. As revisões narrativas buscam descrever ou discutir o estado atual do tema pesquisado. Não precisam apresentar com detalhes as fontes consultadas ou a metodologia utilizada para buscar as fontes de referência. Os pesquisadores selecionam os trabalhos consultados de acordo com o ponto de vista teórico e o contexto do tema abordado (BIBLIOTECA PE. JAIME DINIZ, 2021)..

As bases de dados consultadas foram: SciELO, PePSIC, livros e blogs.

A pesquisa busca analisar e discutir dados históricos e recentes, podendo chegar em uma conclusão para a pergunta norteadora apresentada acima.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CAPÍTULO 1- A CAÇA AS BRUXAS

O corpo e seu uso são objetos mutáveis e suscetíveis a transformações de acordo com a cultura e tempo, se tornando uma variável enorme de possibilidades dentro dos meios de informação e de comunicação. “O corpo carrega em si todas as mudanças históricas e culturas de determinado grupo ou sociedade, construindo certas especificidades que acarretam em padrões (BARBOSA, MATOS E COSTA, 2011)”. É notório que a relação da mulher com esta mudança se dá através de seu papel na sociedade tendo em vista os movimentos de padrões de beleza que se

alteram de acordo com a história da sociedade. “Foucault, (1988, p. 77) afirma que “O corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica”. Na qual fazemos parte dessa construção idealizada.”

De acordo com a história contada na bíblia, Adão e Eva, representavam a natureza humana através de seus corpos nus e após provarem do fruto proibido lidaram com o pecado e posteriormente foram obrigados a cobrirem seus corpos. O corpo então passa a ser visto na cultura cristã como símbolo do pecado, da malícia e da sexualidade explícita. Nas civilizações Gregas e Romanas por volta de 350 a.c, essas representações mudaram e passaram a ser vistas através de esculturas e pinturas, com equilíbrio, harmonia e simetria. Mostravam riqueza em seus detalhes pois possuíam traços perfeitos, onde a beleza era a expressão viva de cada corpo. “Embora tenha sido atribuído ao culto do corpo um valor pagão, a arte romana manteve-se orientada pela expressão do ideal de beleza grego. Nos períodos posteriores, as representações do corpo adquiriram outras dimensões, subjugando-o a temas que potencializavam as questões místicas e religiosas (GOMBRICH, 1999, 2006).”

Durante a Grécia antiga, o dito como ideal passa a ser retratado como forma de admiração e a vaidade, ficava evidente em cada obra se tornando comum a prática de exibição de corpos em jogos olímpicos, se tornando os percursos da criação do rito de beleza, tendo o corpo como um dos pilares da existência, dando início a um processo de busca pela perfeição. Segundo Foucault (1994), “nos séculos I e II, os filósofos enfatizavam a necessidade dos indivíduos terem cuidado consigo mesmos, pois seria dessa forma que alcançariam uma vida plena.” “Eles cuidavam tanto do corpo como da alma, recomendando a leitura, as meditações e regimes rigorosos de atividade física e dietas. Saliente-se que, através desta forma idealizada de pensar e viver o corpo, se definem também formas de estar na sociedade e princípios filosóficos e sociais que assentam na visão como sentido primordial, no olhar, no espelho, como fundamentais para o funcionamento de uma sociedade (CUNHA, 2004).”

Com o surgimento do cristianismo foi instituído práticas acerca do corpo da mulher, através do autoflagelo e do tribunal do Santo Ofício, o qual aplicava penas de castigos físicos e execuções públicas como alternativas à salvação das almas dos hereges. “A

renúncia aos prazeres do corpo teve implicações e desdobramentos para uma demonização da mulher, com forte controle sobre sua sexualidade, desqualificação do trabalho manual, condenação à homossexualidade, censura ao riso, gesticulações, uso de máscaras e de maquiagem e na associação da gula à luxúria (SIQUEIRA, 2011).” A tortura nas fogueiras, por exemplo, eram verdadeiros acontecimentos festivos, deste modo, mais uma vez, o corpo da mulher é representado de forma depreciativa na história, sendo responsabilizada por incitar o homem ao pecado, despertando-o aos desejos da carne através da sexualidade, entendimento este que passa a ser relacionado à prática da bruxaria.

A demonização da figura feminina se inicia em um cenário onde ela passa a ser associada a figura do demônio devido a sua alta relação com a sexualidade, pois seria ela sempre mais vulnerável a ser tomada pelo mal e, conseqüentemente, propicia a cometer todos os atos tidos como errados. A imagem do feminino sempre foi ligada a questões como partos, alimentação, higiene, corpo e a saúde se tornando para os demais uma junção de sentimentos que variam entre a admiração e o medo, o que ocasiona na demonização dos saberes femininos. Estas figuras que eram vistas como bruxas eram portadoras de um elevado poder social, sendo muitas vezes, a única possibilidade de atendimento médico para mulheres e pessoas pobres, foram por um longo período médicas sem título. Cuidavam umas das outras além de passar esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas.

Este movimento precursor da depreciação da figura feminina, puniu mulheres que tinham características consideradas erradas, como; aparência desagradável, com alguma marca de nascença no corpo, deficiência física, problemas neurológicos e mulheres bonitas que haviam de algum modo incomodado homens poderosos ou que despertavam desejos em padres celibatários ou homens casados. A forma mais prática de excluir e rotular estas mulheres foi chama-las de bruxas, taxando-as como monstros, construindo uma depreciação do feminino e uma caça aos padrões estéticos. De acordo com Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora, ativista política, feminista e teórica social francesa, em seu livro “O segundo sexo” “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.”(p.363). Ainda continua: “Opõe-se por vezes o “mundo

feminino” ao universo masculino, mas é preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas; estão unidas somente enquanto semelhantes por uma solidariedade mecânica.” (p. 363) .

Ao analisarmos a figura da bruxa que produziram no passado é notório os preconceitos e estereótipos contidos na imagem, quando pedimos para alguém imaginar uma bruxa ou até mesmo quando imaginamos existe a probabilidade de que a figura seja, de uma mulher; velha, cansada, de cabelos brancos, com uma verruga no nariz e possuidora de uma risada assombrosa. Essa representação pode ser percebida ao procurarmos por essa palavra no dicionário, onde encontraremos termos negativos e estereotipados, logo neste sentido é possível perceber que esta imagem está presente na nossa vida desde criança, através de livros infantis, filmes e desenhos que costumam descrever histórias onde existe uma fada boa e bela, por vezes loira, e uma bruxa má e feia.

Desde os primórdios das civilizações é possível notar que a figura feminina foi, e tem sido, retratada com preconceitos muitas vezes discrepantes, originários de aspectos culturais, sociais, políticos, psicológicos e religiosos que distorcem as características das mulheres enquanto seres individuais e sociais. “Segundo a autora o preconceito contra as mulheres deve ser moralmente condenado e a discriminação juridicamente sujeita à punição legal, pois este pode se encontrar não só disseminado nas mentes coletivas de nossa sociedade como se manifestar de forma mais sutil, disfarçada, através dos nossos hábitos linguísticos e comportamentos e atitudes, dificultando a reunião de provas com validade jurídica (BANDEIRA i BATISTA, 2002).”

Partindo destes princípios, é possível imaginar a busca incansável pela representação ideal de corpo, tendo em vista que sempre houve uma ditadura machista e patriarcal que as mantiveram reféns dos ideais que seus parceiros buscavam. Erotismo, sexualidade e beleza, ocupavam o lugar de objeto de desejo sexual masculino desde a antiguidade e segue até nos dias atuais, essa representação perpassa amarras e se tornam fortes se fazendo persistente em uma sociedade que julga certo um único modelo de corpo. Ao longo dos séculos o significado de corpo

vem mudando de forma notória como podemos observar, mas a cada década nos tornamos mais reféns. “Segundo Wolf (1992), essa indústria precisa que as mulheres se sintam mal com sua aparência, provocando o ódio nelas sobre elas mesmas. Ao odiarem seu rosto e seu corpo, consomem cada vez mais produtos milagrosos, que trazem a solução para seu mal-estar. Assim, também se submetem a realização de procedimentos estéticos, em alguns casos dolorosos, gastando tempo e dinheiro, em vez de se amarem como realmente são por natureza.”

CAPÍTULO 2: MÍDIA E OS PADRÕES DE BELEZA

O conceito de beleza se transforma a todo momento se modificando de acordo com a época, estação do ano e o que está na moda. “Os seres humanos estão em constante mudança e com as interações sociais aprendem a avaliar e reavaliar seus corpos, construindo sua autoimagem e a modificando ao decorrer da vida (BECKER, 1999)”. A tentativa de encontrar uma definição para esta palavra se torna uma busca ampla e difícil mas o autor, Ferreira (2000), diz, em léxico que carrega o seu prenome Aurélio como título e pelo qual é mais conhecido, beleza, entre outras definições, é a qualidade de algo que é agradável aos sentidos. Apesar da simplicidade, é uma definição adequada e abrangente.

“O que é bonito para um pode não ser para outro, como dito anteriormente este conceito vareia. Ao analisar a beleza corporal, é possível afirmar que, sobre ela, recai um “padrão” (Soares, 1997, p.104).” Essa construção vem desde muito cedo, quando falamos em padrão é possível relacionar com um conjunto de características que um corpo deveria apresentar para ser considerado como belo por um determinado grupo de indivíduos. Este padrão é definido pela sociedade, e a mudança está associada ao que é sucesso na televisão e nas redes sociais, acompanhando sempre as pessoas que estão em maior evidência, desta forma a mídia influencia cada vez as pessoas de que o sucesso pessoal e o bem-estar dependem, necessariamente, ainda que de maneira indireta, do corpo ideal.

A beleza corporal tem se tornado algo essencial, fazendo com que as pessoas se tornem máquinas de produção de corpos ideais. Nesse sentido, de acordo com

Pinheiro et al (2020) “a beleza possui um novo significado na sociedade, a cultura do corpo belo determina se vai ser aceito ou não na sociedade, com a mídia incentivando a insatisfação corporal e o instigando a buscar mudança em seu físico, através de procedimentos cirúrgicos, exercícios físicos, medicamentos e dietas. As mulheres com corpos magros e com curvas e homens com músculos definidos e fortes visivelmente.”

A imagem de corpo ideal é vendida todos os dias de modo a passar despercebido no dia a dia, sendo um instrumento de transmissão negativa. “Segundo Barroso et al. (2012), a imprensa possui um grande poder de chegar ao público, por diversos meios, com muita eficácia, contribuindo para a ideia do corpo como objeto de consumo, a medida em que exige das pessoas a busca do corpo perfeito para ter uma felicidade plena.” Ao ter contato com propagandas diversas, bem como incentivos por meio dos meios de comunicação diversos, as pessoas são levadas a tratar o corpo como objeto de consumo, buscando várias formas para manter ou adquirir um corpo adequado aos padrões sociais. Pensando nisto, a mídia e as indústrias de consumo ganham força diante desse modelo de corpo que se estabelece, porque presume as preocupações e os interesses do público, apresentando formas de se vestir, de se alimentar e de viver, colocando o corpo e a saúde, segundo seus moldes, como fontes de felicidade. Aliadas às questões ideológicas, que fazem alusão às formas como os indivíduos devem viver, apontando que trajetórias seguir, os modelos midiáticos ganham mais força diante desse contexto e as representações desse modelo de corpo ganham mais força à medida que são alimentadas pelo que está sendo posto, oferecido e apresentado cotidianamente. “As representações sociais, por sua vez, são entendidas como as manifestações, formas de pensar, dos sujeitos inseridos na cultura, nas comunicações e nas práticas sociais acerca de um objeto “ (SÁ, 1998).

“A mídia de várias maneiras passa mensagens relacionadas à beleza ideal, priorizando a moda, a estética, o consumo, desta maneira a beleza natural torna-se ofuscada, fazendo as mulheres desenvolverem o sentimento de insegurança com sua imagem corporal (GRACIANO; EMILIANO, 2015). Essa influência nos faz acreditar a todo momento que precisamos sempre estar em busca de algo, que por muitas vezes é inalcançável sendo assim alimentando uma coisa que jamais será totalmente preenchida.

Existe uma grande necessidade em acatar as exigências do corpo ideal e não sendo alcançadas, levam a sentimentos negativos de baixa autoestima, inseguranças, bem como um emocional fragilizado (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010).

No Brasil a preocupação com o corpo ideal acompanha a ideia de que corpo bonito era sinônimo de corpo feliz, transmitindo a ideia de que se ela não tivesse um corpo bonito aquilo se tornaria sinônimo de fracasso pois ela tinha todas as ferramentas ao seu dispor. Essa ideia associada à gordura transmite o juízo da mulher como negligente, desleixada e sem força de vontade (BERGER, 2006). Esse movimento toma força quando começam a vender dicas de emagrecimento em revistas; “7 Dicas infalíveis para perder peso definitivamente. Saiba o que fazer para que os quilos perdidos não voltem nunca mais” ao analisarmos o título desta matéria encontramos diversos equívocos, tendo em vista que somos seres únicos e singulares o que funciona para um pode não funcionar para outro, nosso corpo possui uma caminhada, uma história, marcas e vivências quando se é vendido esse tipo de receita é colocado em evidência que a única preocupação do mercado é você ser belo, magro e estar disposto a consumir essa indústria.

A beleza então passa a ser questionada, é uma ficção no universo das mídias sociais? Tamanho perfeccionismo nos faz virar refém de algo esteticamente perfeito, através de filtros, edições e photoshop podemos criar infinitas possibilidades. Sendo assim é possível observar, os padrões de beleza, que remetem o ideal de felicidade, são vendidos por grandes influenciadores, que compartilham o que não é acessível para grandes massas. Essa alta no consumo de produtos estéticos nos diz sobre pessoas insatisfeitas que correm às lojas para comprarem objetos a fim de satisfazerem seus desejos e acabar com a ansiedade e aumentar sua autoestima. Mas esses prazeres são passageiros, a cada instante nos é posto algo novo para consumirmos sendo assim nunca ficando satisfeito com o que temos, tudo isso devido a vida líquida em que vivemos nessa sociedade moderna, os avanços são rápidos e as modas passageiras. “Estamos mais ricos financeiramente hoje, mais muito mais miseráveis e infelizes interiormente” (CURY, 2005, p. 39). Inconscientemente sempre estamos em busca de algo novo, algo a mais, a fim de termos o sentimento de satisfação mas

devido ao avanço tudo estará sempre em constante mudança nos fazendo refém do inatingível.

CAPÍTULO 3: DOENÇAS DA BELEZA

Manequim 38, 60 quilos, cabelos lisos, nariz empinado, sem celulites, peitos em pé, cintura bem fina, dentes retos e rosto bem maquiado. Realidade das mulheres? Quando pensamos nesse padrão de beleza é necessário refletir sobre os prejuízos que eles veem acarretando como; depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, alteração de humor, distorção de imagem, entre outros. “A ditadura do padrão estético é como o suporte da autoestima o que torna um infortúnio no inconsciente, trazendo o adoecimento emocional” (CURY, 2005, p.). Ao procurarmos a palavra beleza no google obtemos significados como; que contém equilíbrio, simetria, grandiosidade, harmonia, reforçando estereótipos construídos desde a antiguidade, onde beleza era sinônimo de perfeição.

A palavra que é tida no gênero feminino enfatiza a cultura de que a mulher deve ser bonita, caso o contrário não será totalmente mulher. Fertilidade, beleza e saúde, o feminino sempre é reduzido muitas vezes, a ser somente um corpo onde a sociedade necessita de ter um domínio, desde pequenas somos ensinadas a lutar contra ação do tempo, tentando manter-se sempre jovem e bela, essa batalha nos leva a procura de algo inexistente, nos levando a espelho que não reflete nossa imagem, mas sim a ideia que a sociedade criou sobre nosso corpo.

Nos últimos tempos podemos observar o aumento do discurso midiático em torno de algo inexistente, ao abrirmos nossas redes sociais todos estão sempre bonitos e felizes, com fotos e vídeos repletos de filtros, num nível de perfeição inatingível, mas vendido como algo fácil e necessário. “Todo o discurso publicitário promete o preenchimento do vazio existencial, do qual nenhum sujeito poderá escapar, e a

grande cilada seria acreditar que o consumo poderia preencher tal vazio”. (Novaes, 2001; 2003, p.)

Além das formas de violência praticadas contra a mulher, o mito da beleza vem reforçar a ideia de que as mulheres não devem apenas aceitar a violência contra seus corpos, mas também serem autoras dos atos, atos estes em nome de algo irreal. A sociedade espera que sejamos mulheres elegantes, sexys, comportadas e recatadas, essa construção histórica reforça movimentos machistas e patriarcais, muitas vezes em detrimento da aceitação do masculino mulheres se submetem a cirurgias plásticas e procedimentos invasivos em regiões íntimas.

O padrão imposto e o desejo de boa parte dos homens por uma vulva rosada e depilada é algo que veem crescendo com o avanço da pressão estética. Além da cirurgia de aumento, é claro, há procedimentos cirúrgicos para embelezar o pênis, porém poucas mulheres parecem exigir estéticas dos pênis ao contrário deles. Reconstrução de hímen e redução de lábios vaginais são alguns dos procedimentos procurados pelas mulheres sendo feita muito das vezes apenas para agradar o sexo masculino, reforçando a visão e deslumbramento da pornografia e o corpo tido como perfeito mostrado pela mesma.

Quantas vezes você sentiu vergonha de se relacionar sexualmente pelo seu corpo? Deixou de ficar pelada devido ao julgamento do parceiro e julgamento de si própria? Desde quando passamos a odiar nossos corpos? Essa construção vem sendo feita em nosso cotidiano e reforçada através de filtros de instagram, photoshop e filtros. “A pessoa se encontra com infinitos apelos da estética, como cremes, massagens, choques, bandagens, procedimentos invasivos e não invasivos e para manter ou transformar seu corpo, o modifica, buscando um cirurgião ou outro profissional de beleza” (RUSSO, 2005, p.).

“Essa busca ultrapassa os limites da realidade de cada corpo desrespeitando biótipos, genéticas e alimentando inseguranças e baixa autoestima. Existe uma grande necessidade em acatar as exigências do corpo ideal e não sendo alcançadas, levam a sentimentos negativos de

baixa autoestima, inseguranças, bem como um emocional fragilizado” (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010)

Os efeitos desta busca é desenvolvido ao longo da vida, sendo reforçado a todo instante. a saúde mental se faz necessária e eficaz na luta contra esses padrões, hoje se escuta mais sobre emagrecer e ser perfeita do que cuidar da saúde mental.

“São criadas expectativas e metas absurdas que não estão de acordo com sua estrutura corporal e acabam resultando em transtornos. É importante entendermos que esse padrão está longe de ser o ideal, devido as relações de diversidades (ROCHA, 2018).” “A realização de cirurgias plásticas e procedimentos estéticos não garantem a satisfação do indivíduo devido a fatores internos que estão relacionados a construção da autoestima e da autoconfiança, pelo contrário esses procedimentos alimentam ainda mais a insatisfação devido a ser uma variante mutável a todo momento (WOLF, 2018).”

Diante de todo contexto exposto, o trabalho do psicólogo tem o objetivo de desconstruir ideias sobre corpo, elaborando em sessões qual como o paciente enxerga seu corpo e qual vazio essa busca procura preencher. Ainda é necessário observar o quão efetivo está sendo o processo, afim de que a mulher se aceite da forma como ele é, ou seja, começa a se auto respeitar e gostar do que vê no espelho.

“A construção da autoestima e autoconfiança está intrinsicamente relacionada com fatores internos de cada indivíduo, sendo assim as promessas de cirurgias plásticas e procedimentos estéticos não garantirá a satisfação desses fatores, pelo contrário esses procedimentos alimentam ainda mais a insatisfação devido a ser uma variante multável a todo momento (WOLF, 2018).”

O trabalho multidisciplinar é indispensável, tendo em vista que este adoecimento psíquico afeta a saúde física do indivíduo. Portanto, tem-se a necessidade de grandes investimentos em programas de conscientização em toda a rede, com o intuito de leva-

la a pensar e praticar hábitos de vida mais saudáveis, bem como saber as consequências que podem acarretar esses procedimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste estudo foi possível concluir os efeitos psicológicos que a pressão estética acarreta nas mulheres, como depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, distorção de imagem, ficando evidente a necessidade de discussão do papel da mulher na sociedade e as amarras que ainda são depositadas nelas.

Tendo em vista os aspectos apresentados ao longo destes capítulos, pode-se perceber que essa construção histórica é reforçada pela mídia de uma forma sutil através das redes sociais, transformando-o em objeto de consumo e fazendo com que muitas pessoas busquem atingir essa marca a qualquer custo, sob o julgamento de estarem fora no padrão imposto pela sociedade.

É notório que, a procura por procedimentos invasivos ou não invasivos que molde o corpo tem aumentado progressivamente a cada dia mais, sendo tido como uma felicidade prometida. O objetivo da discussão busca descrever este processo desde o início da sociedade e alertar os danos emocionais que essa busca incessante por algo inexistente pode causar. Espera-se que com esse trabalho, ter dado contribuição para a reflexão e entendimento deste tema.

O campo de pesquisas desse tema é diverso e bastante amplo porém pouco procurado pelas pessoas e pouco mostrado pela mídia. Pessoas reais com relatos reais ainda não ganham tamanha credibilidade quanto as mulheres padrões que aparecem no feed do instagram da maioria dos brasileiros. A falta de representatividade faz as pessoas acreditarem que só existe um tipo de padrão, mas um corpo feliz nada mais é do que um corpo que tem uma pessoa feliz dentro dele.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro ¹ LIMA, Ricardo Bezerra Torres ² COSTA, António Silva³ FILHO LUCENA, Ademar **O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC**

Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/rMpVx4jWKSSJmm9zsGT6fjh/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: julho de 2021

ANJOS, Larissa Alves¹ FERREIRA, Zâmia Aline Barros² **Saúde Estética: Impactos Emocionais c causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade**

Disponível: [file:///C:/Users/letic/Downloads/3093-12285-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/letic/Downloads/3093-12285-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: julho de 2021

COSTA, Nicole Nunes¹ CARVALHO, Rodrigo Lelis² PEREIRA, Taynara Gomes³ CARRIJO, William Vieira **CORPO E SAÚDE: REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NOS PADRÕES CORPORAIS DA SOCIEDADE**

Disponível: https://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/11/ED.-F%C3%8DSICA-2018_2-CORPO-E-SA%C3%9ADE-REFLEX%C3%95ES-SOBRE-A-INFLU%C3%8ANCIA-DAS-MÍDIAS-SOCIAIS...-NICOLE.-RODRIGO.-TAYNARA.pdf. Acesso em: junho de 2021

BARROS, Yuri Isaac Brito **IMAGEM CORPORAL E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO**

Disponível: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/945/1/TCCYURIBARROS.pdf> Acesso em: agosto de 2021

SAMPAIO, Rodrigo P. A.¹ FERREIRA, Ricardo Franklin² **Beleza, identidade e mercado**

Disponível:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000100008 Acesso em: agosto de 2021

BECKER JR. B. **Manual de Psicologia aplicada ao Exercício & Esporte**. Porto Alegre: Edelbra, 1999. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000108&pid=S14155273200800040000600011&lng=pt Acesso em: setembro de 2021

FERREIRA, A. **Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

SOARES, A. **Velhos esportistas: utilidade e estética**. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.102-120, 1997

PINHEIRO, T.; PIOVEZAN, N.; BATISTA, H.; MUNER, L. **A relação dos procedimentos estéticos com satisfação da autoimagem corporal e autoestima de mulheres**. Revista Cathedral, v. 2, n. 1, 11 fev. 2020.

BARROSO, D. R.; ALMEIDA, L. I. R.; KULNIG, A. M. **Mídia e construção da imagem corporal em adolescentes do gênero feminino**. Rev. Bras. Reab. Ativ. Física. Ed. 1, p. 53- 62, 2012.

GRACIANO, L.L.; EMILIANO S. **A influência da mídia na imagem corporal feminina**. Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. 2015. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2022/04/o-ideal-de-beleza-e-os-prejuizoscausados-a-saude-mental.pdf> Acesso em: maio de 2022

SEVERIANO, M. F. V.; RÊGO, M. O.; MONTEFUSCO, E. V. R. **O corpo idealizado de consumo: paradoxos da hipermodernidade**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza: Universidade de Fortaleza, v.10, n.1, mar.2010. p.137-165

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. 16ª Ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Eco, Humberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004

BANDEIRA, Lourdes¹ BATISTA, ANALÍA SORIA² **Preconceito e discriminação como expressões de violência**

Disponível: <https://www.scielo.br/j/ref/a/77qSbxLKYLyttqQbSzFjMcb/?lang=pt> Acesso em: setembro de 2021

SENA, Rômulo Mágnus de Castro¹ NASCIMENTO, Ellany Gurgel Cosme² SENA, Patrícia Rakel de Castro³ JACOB, Lia Maristela da Silva; MAIA, Eulália Maria Chaves

A construção social do corpo: como a perseguição do ideal do belo influenciou as concepções de saúde na sociedade brasileira contemporânea

Disponível:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010432692019000100007 Acesso em: setembro de 2021

VILHENA, Junia¹ MEDEIROS, Sergio². NOVAES, Joana de Vilhena³ **A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade**

Disponível:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006 Disponível em: setembro de 2021

BARBOSA, Maria Raquel¹ MATOS, Paula Mena² COSTA, Maria Emília **UM OLHAR SOBRE O CORPO: O CORPO ONTEM E HOJE**

Disponível:<https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: setembro de 2021

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Siqueira, A. J. (2011). **As representações do corpo na idade média**. *Vivência*,33,4958.

Disponível:http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/03_Ant%C3%B4nio%20Jorge%20Siqueira.pdf. Acesso em: outubro de 2021

CUNHA, M.J. (2004). **A imagem corporal. Uma abordagem sociológica à importância do corpo e da magreza para as adolescentes**. Azeitão: Autonomia

27. Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: maio de 2022

SÁ, C.P (1998) **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**.

CURY, Augusto Jorge. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. 120p.

CURY, Augusto Jorge. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro. Ed. Rosa dos Tempo, 2018.

ROCHA, Tatiana Mendes. “Padrão de beleza” e saúde mental da mulher. *Psicologia Acessível*, 2018

Disponível:<https://psicologiaacessivel.net/2018/09/04/padrao-de-beleza-e-saudementalda-mulher/amp/> Acesso em: abril de 2022

RUSSO R. **Imagem corporal: construção através da cultura do belo. Movimento e Percepção**; , 2005.

disponível:<http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=39> Acesso em: maio de 2022

Novaes, J.V. (2001b) **Mulher e beleza: em busca do corpo perfeito. Práticas corporais e regulação social. Cadernos do Tempo Psicanalítico**, 33, p. 37-54. Rio de Janeiro: SPID.

CURY, Augusto Jorge. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

